



CONTRIBUIÇÕES DE MARTINET PARA A LINGÜÍSTICA GERAL E A
DESCRIÇÃO FUNCIONAL DAS LÍNGUAS
CONTRIBUTIONS FROM MARTINET TO GENERAL LINGUISTICS AND THE
FUNCTIONAL DESCRIPTION OF LANGUAGES)

Rafael Eugenio HOYOS-ANDRADE (UNESP)

ABSTRACT: *This paper, devoted to the memory of André Martinet (1908-1999), founder of the International Society of Functional Linguistics, offers a synthesis of his contributions to General Linguistics, to natural languages description and to the evolution and diffusion of his functional model, hoping that his sound teachings may reach Brazilian scholars.*

KEYWORDS: *Martinet; linguistic theory; linguistic units; linguistic models; research in Functional Linguistics.*

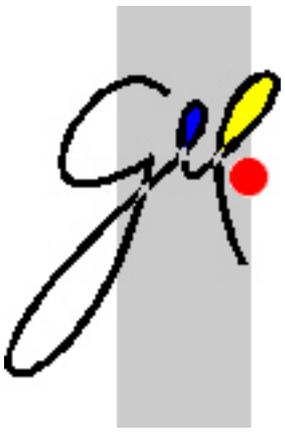
0. Introdução:

André Martinet, um dos lingüistas mais notáveis do século XX, morreu aos 91 anos de idade, no dia 16 de julho de 1999. Seu modelo lingüístico funcional, que ele chamava “lingüística das línguas” (no intuito de marcar uma clara oposição a modelos de inspiração matemática, psicológica ou filosófica –pouco preocupados com o funcionamento real das línguas-) constitui uma das correntes mais atuantes do funcionalismo contemporâneo, sendo provavelmente a de mais longa vida, já que o seu primeiro artigo, *Remarque sur le système phonologique du français*, foi publicado em 1933, no *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, e seus dois últimos artigos (“Genre et sexe” e “Le syntème”) foram publicados *post mortem* no volume 35 (1999-2) da revista *La Linguistique*. Baseando-nos em seus ensinamentos, registrados ao longo de 65 anos, em pelo menos 25 livros e 330 artigos, apresentamos neste trabalho –como homenagem póstuma ao seu representante máximo– o que consideramos ter sido as suas principais contribuições no desenvolvimento e avanço da lingüística como ciência.

1. Em termos de Lingüística Geral

A definição de *língua* (não de linguagem), como “instrumento de comunicação oral duplamente articulado”, permitiu deixar de lado uma noção tradicional de língua, de difícil manuseio (por ser psicologizante), a saber, a de ser ela “manifestação do nosso pensamento”. Hoje, muitos estudiosos utilizam a noção da “dupla articulação da linguagem”, ignorando talvez ter sido Martinet o apresentador internacionalmente reconhecido desse conceito, no sentido que hoje tem, e, segundo o qual, qualquer enunciado lingüístico de qualquer língua (oral) é analisável em unidades significativas mínimas (monemas, signos mínimos), cuja forma ou significante é, por sua vez, analisável em unidades “sonoras” sucessivas, distintivas, mínimas (fonemas).

Muito importante também, em termos de teoria lingüística, é a noção de *frase* proposta por Martinet a fim de fornecer uma definição estritamente lingüística, livre de



preconceitos filosóficos e psicológicos: “Enunciado cujas unidades significativas se ligam todas a um predicado único ou a vários predicados coordenados”. Esse conceito supõe obviamente o de predicado, centro do enunciado, unidade em função da qual se organizam todas as outras unidades significativas; elemento que não pode ser excluído, sem que a frase perca a capacidade de ser uma unidade mínima de comunicação.

O próprio conceito de *sintaxe* recebe uma nova feição nesse modelo funcional. Não é mais o estudo da *combinação* das palavras ou dos monemas no enunciado. A simples combinatória ou sucessividade dos elementos significativos, que mereceu tanto destaque por parte do estruturalismo norte-americano, não é suficiente para dar conta do papel da sintaxe de um ponto de vista funcional. Partindo da primazia dada ao processo comunicativo e, conseqüentemente, da importância do *receptor* da mensagem, define-se a sintaxe –em sentido amplo– como “o estudo de tudo quanto permite reconstruir o significado global da mensagem a partir da sucessão dos monemas de um enunciado”. Esse estudo leva a identificar as relações (= funções) que se estabelecem entre os monemas de um enunciado e a classificá-las, segundo as suas *compatibilidades* mútuas (e não simplesmente segundo a sua “combinabilidade” ou sucessividade). Acrescenta-se, entre outras coisas (em termos de lingüística geral), que, dado um determinado contexto lingüístico, só existem três maneiras possíveis de as unidades significativas marcarem as funções sintáticas (gramaticais) com relação ao núcleo predicativo: a *posição*, antes ou depois do núcleo; a utilização de *partículas ad hoc*; a simples *presença*. As relações sintáticas são, pois, comparáveis a verdadeiros signos lingüísticos, na medida em que possuem um significante (maneira de marcar as funções) e um significado (o seu *valor* gramatical: sujeito, objeto direto, dativo, complemento circunstancial, determinação nominal etc.).

A famosa, porém discutível, dicotomia saussuriana *Langue/Parole*, mesmo depois do profundo e definitivo artigo de Eugenio Coseriu, “Sistema, Norma e Fala”, ou continua sendo utilizada “tal qual” (como se depois de Saussure nada tivesse acontecido) ou foi simplesmente substituída (provavelmente pela maioria) por outra dicotomia não menos polêmica, introduzida pelo gerativismo, a saber, a oposição entre *Competence* e *Performance*. Martinet, sem chegar ao extremo de considerar absurda a oposição *Langue/Parole* (como algum lingüista o tem feito no nosso meio...) e sem cair na armadilha dessa outra dicotomia que, na sua origem, se fundamentava em um inatismo lingüístico ingênuo e inaceitável, introduziu a oposição, de sabor profundamente funcional, entre o que é *pertinente* (comunicativo), na manifestação lingüística concreta, e o que não o é.

Também constitui uma inovação, em termos de Lingüística Geral, a visão martinetiana dos diferentes *níveis* de descrição de uma língua qualquer. Esse quadro foi ampliando-se e modificando-se com os anos, a partir da própria reflexão do mestre e das contribuições dos seus seguidores. Consolidado o *nível fonético-fonológico* (não convém esquecer que Martinet foi, em primeiro lugar um fonólogo), vieram depois o *nível do inventário* (ou seja, o das classes de unidades significativas) e o da *sintaxe*, com o sentido específico que vimos antes. O nome de *morfologia* fica reservado para o estudo das irregularidades formais dos signos lingüísticos. Quanto ao *nível do significado*, foi necessário distinguir entre dois diferentes sub-níveis: a *axiologia*, estudo dos *valores* lingüísticos ou virtualidades significativas das unidades; e a *semântica* que constitui o estudo dos *sentidos* que assumem as unidades nos contextos e situações em



que, de fato, acontecem. A axiologia está para a semântica assim como a fonologia está para a fonética.

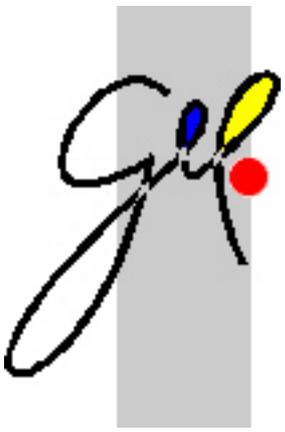
A pertinência comunicativa leva Martinet a valorizar a *substância*, tanto da expressão quanto do conteúdo, diferenciando-se nisso dos estruturalistas idealistas como Hjelmslev e também dos estruturalistas norte-americanos que explicitamente excluíam a semântica da lingüística, embora concedessem importância excessiva à substância da expressão, ao identificar os fonemas com “famílias de sons”. Como bom *realista* Martinet reconhece o papel que a substância, tanto fônica quanto semântica, desempenha na comunicação lingüística.

2. Em termos de análise das unidades lingüísticas

O modelo funcional martinetiano conta hoje com uma bem estabelecida postura frente às *unidades lingüísticas* que devem ser objeto de análise por parte de quem descreve uma língua natural. As noções de *fonema*, *arquifonema*, *alofones*, *traços pertinentes*, *prosodemas* estão todas, assim como a sua definição, baseadas na função dos significantes, sejam estes do signo mínimo ou do enunciado. O essencial é a resposta a esta questão: como, de fato, funcionam os significantes das línguas faladas pelos seres humanos?

Já no plano do signo devemos a Martinet: (a) a definição precisa da unidade significativa mínima, *monema*, nome que ele preferiu ao de *morfema* (reservado inicialmente por ele para designar os monemas gramaticais, embora tivesse posteriormente rejeitado esse uso); (b) a introdução de termo *sintema* para referir-se com precisão científica àqueles sintagmas que funcionam como signos mínimos (monemas), na medida em que seus elementos significativos não podem ser determinados individualmente e que correspondem, entre outros, aos compostos e derivados da gramática tradicional; (c) a rejeição do termo *palavra* por sua ineficácia e ambigüidade em termos de lingüística geral, ou seja, pela impossibilidade prática de se definir palavra de modo unívoco para qualquer língua; e (d), como inovação mais recente, pois só aparece a partir de 1980, o termo *silema* definido como “*sintagma mínimo*, composto de um núcleo determinável –sintagma ou monema–, de seus determinantes não determináveis (ou modalidades) e, eventualmente, de um monema funcional de união com o resto do enunciado”), com o qual se pretende oferecer um eventual substitutivo de palavra, pelo menos para aquelas línguas flexionadas em que as modalidades vão geralmente pospostas: *rosarum*, em latim, seria um silema, mas também o seria a expressão *das rosas* em português. Martinet reconhece o caráter mais pedagógico do que estritamente técnico dessa unidade.

Merece destaque a eliminação do famoso *monema zero* ao que tanta importância dão os estruturalistas de diferentes escolas e tendências. A causa fundamental dessa supressão é mais uma vez a pertinência e a funcionalidade. Aquela pretensa unidade significativa, que nunca se manifesta, é simplesmente nada e não pode ser levada em consideração, pois a ausência formal, em que esse “nada” consiste, não está ligada a um significado unívoco e preciso: em português, a ausência de uma marca de plural não significa necessariamente singularidade; a ausência de uma marca de futuro ou de perfeito não indica forçosamente um “aqui e agora”, ou seja, um presente.



A esclarecedora noção de que só será considerada, como unidade significativa diferente, aquela que for fruto de uma *escolha* por parte do locutor, conduz o funcionalismo a revisar a noção tradicional de que o *gênero* nas línguas românicas, p.e., seria uma unidade significativa mínima, um monema. O gênero na medida em que é inerente ao substantivo não constitui uma escolha diferente da escolha que o locutor faz da “palavra” que pretende usar: quem escolhe *pedra*, em português, escolhe automaticamente gênero feminino, do mesmo modo que se escolhesse *flor* ou *favor* em que não se pode falar de marcas de gênero. A marca de gênero, segundo Martinet, só constitui um monema quando é o resultado de uma escolha entre, pelo menos, duas opções. Isto só ocorre em português quando a marca de gênero é, simultaneamente, marca de sexo: *menino / menina; lobo / loba*.

3. Em termos de revisão e desenvolvimento do próprio modelo

Já mencionamos acima como Martinet, depois de ter introduzido o termo *morfema* para designar as unidades gramaticais mínimas, veio posteriormente a rejeitá-lo, por ter percebido que esse termo o impedia de “explicar bem as diferenças entre o monema, redefinido por mim, e o ‘morfema’ das práticas postbloomfieldianas” Martinet (1993: 205). Ele insistia sempre em que a eleição do termo *monema* (tomado de Henri Frei) não constituía uma inovação puramente formal, um simples substituto de morfema. A unidade significativa mínima nem sempre é uma unidade de *forma* (sentido etimológico do termo “morfema”), pois muitas vezes o mesmo monema se manifesta sob diferentes formas.

Tendo Martinet sugerido em 1985, na sua obra *Syntaxe générale*, que os derivados verbais (infinitivos, gerúndios e participípios) poderiam ser objeto de uma disciplina nova, a *parassintemática*, dado que o comportamento dessas unidades não era sempre comparável ao dos sintemas, foi levado por colegas funcionalistas a aceitar o termo *parassintema* para referir-se a esses derivados verbais. Esse termo acabou sendo rejeitado pelo próprio Martinet em um de seus artigos póstumos, “Le synthème”, mencionado na introdução do presente trabalho. O motivo dessa rejeição vem assim declarado: “Este termo, demasiado pouco específico, com seu prefixo *para-*, que, no melhor dos casos, designa a proximidade, teve como efeito o de frear a minha reflexão com relação ao emprego das formas assim designadas” Martinet (1999b: 15).

A existência de vários modelos, no âmbito do funcionalismo martinetiano, entre os quais merece destaque o *funcionalismo axiomático* ensinado por Jan Mulder e seus seguidores, na Inglaterra, testemunha o espírito de abertura ao diálogo e à diferença de opiniões que caracterizou sempre o saudoso mestre. Como podia esperar-se, num ambiente de diálogo e de abertura, os colegas mais íntimos de Martinet discordam do mestre em assuntos pontuais da sua doutrina, como p.e., na concepção do verbo *ser* em francês como uma simples marca de ligação o que o excluiria do papel de predicado que outros funcionalistas continuam a atribuir-lhe; na consideração de que constitui uma operação pouco objetiva e fecunda a de pretender analisar o significado em “semas”, dado que esse tipo de análise só é possível em campos lexicais muito precisos; na afirmação taxativa de que não existe sintaxe interfrástica, já que as relações sintáticas se esgotariam no nível da frase; na importância dada às visualizações das funções sintáticas, nem sempre apoiada pelos discípulos do mestre francês.



4. Em termos de estímulo à pesquisa lingüística funcional e à sua difusão

O que acabamos de dizer é já uma amostra da atitude aberta e conciliadora de André Martinet com relação à pesquisa lingüística funcional e o é, mais ainda, o fato de o funcionalismo contar com uma revista de prestígio científico inegável, com uma Sociedade Internacional e com uma sistemática de colóquios anuais. Na realidade, esses dados constituem uma prova múltipla, não somente da atitude progressista do funcionalismo martinetiano, mas também da sua vitalidade.

Em 1976, sob a iniciativa de Martinet foi criada a SILF, Sociedade Internacional de Lingüística Funcional, cujo objetivo expresso é o de “pôr em contato lingüistas e pesquisadores que apliquem os princípios da lingüística funcional ao estudo das línguas” (Annuaire SILF – 1993, p. 1). A SILF congrega estudiosos de todo o mundo, patrocina os Colóquios Internacionais da Sociedade e publica as ATAS desses colóquios; até agora vinte livros de atas, pelo menos, já viram a luz pública.

A revista *La Linguistique*, publicada duas vezes ao ano por *Presses Universitaires de France (PUF)* e fundada por Martinet em 1965, passou a ser o órgão oficial de publicações da SILF. Conta, portanto, com 70 fascículos publicados, tendo sido o último, o Volume 35:1999-2.

O XXIV Colóquio Internacional da SILF será realizado no próximo mês de junho (dias 23 a 27), em Toronto (Canadá) sob os auspícios do Glendon College – York University. A conferência inaugural estará a cargo de William Labov (diretor do laboratório de lingüística da Universidade da Pensilvânia); os temas do colóquio serão: (1º) Problemas de bilingüismo e perspectiva funcionalista. (2º) Novas tendências e pesquisas recentes em Fonologia Funcional. (3º) O tradutor, seu texto e o seu público. Haverá uma mesa-redonda sobre as Línguas Ameríndias e uma oficina intitulada: “A Lingüística Funcional Sistêmica: parente próximo da SILF?”

5. Considerações finais

No livro *Functionalism in Linguistics*, coletânea de artigos organizada por René Dirven e Vilém Fried, pertencentes ambos à moderna Escola de Praga, o nome de André Martinet só aparece na introdução, dentro de um quadro em que se tenta apresentar graficamente os dois pólos, funcionalista e formalista, que separam e distinguem um bom número de lingüistas contemporâneos. Martinet figura na mesma coluna do pólo funcionalista e de Saussure e explicitamente ligado à Escola de Praga. Só isso. No Primeiro Capítulo dedicado à Lingüística Funcional de Praga e à sua relação com outras abordagens, merecem destaque a Gramática Funcional de M.A.K. Halliday, com um artigo, e a de Simon Dik com dois artigos. Nenhum artigo dedicado à apresentação do modelo de Martinet, não obstante ter sido ele, na sua juventude, membro ativo da Escola de Praga.

Não é diferente a atitude dos lingüistas brasileiros. Maria Helena Moura Neves, por exemplo, no seu livro *A Gramática Funcional*, que começa o primeiro capítulo citando a definição do termo *função* fornecida por Martinet, não acrescenta mais nada a não ser, no terceiro capítulo, a menção de que, segundo Dirven e Fried, o nosso autor figura no pólo funcionalista. Relevo especial merecem, em troca, ao longo da obra, Halliday e Dik, que são analisados como representantes máximos de modelos



funcionalistas moderados. Enquanto, nas referências bibliográficas, só aparecem dois textos de Martinet (um livro com original publicado em 1975 e um breve artigo publicado na revista *ALFA* em 1994), figuram oito de Dik e onze de Halliday.

Pensamos que valeria a pena, para concluir, perguntarmo-nos, tentando achar uma resposta, quais serão as causas dessas omissões? Será que, como nos disse em 1975 um colega, professor de lingüística na UNICAMP, “Martinet já era?” Nesse ano não tinha ainda sido criada a SILF, e *La Linguistique* não se tinha transformado no órgão oficial do funcionalismo martinetiano; Martinet não publicara ainda nem seus *Studies in Functional Syntax*, nem a *Grammaire fonctionnelle du français*, nem *Syntaxe Générale*, nem *Fonction et dynamique des langues*. Nesse momento só se realizara um Colóquio Internacional de Lingüística Funcional, o de Groningen na Holanda (1974); depois dele houve mais 22 colóquios. Será que uma lingüística tão cheia de vitalidade “já era” ou – pior ainda – “já foi”?

Um modelo lingüístico como esse, realista, moderado, avalizado por numerosos trabalhos de aplicação à tarefa de descrever diversas línguas, não mereceria ser mais estudado, ensinado e aplicado no Brasil?

RESUMO: Este trabalho, dedicado à memória de André Martinet (1908-1999), fundador da Sociedade Internacional de Lingüística Funcional, apresenta uma síntese das suas contribuições à Lingüística Geral, à descrição das línguas naturais e à evolução e difusão do modelo funcionalista, na esperança de que seus sólidos ensinamentos possam atingir os estudiosos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Martinet; teoria lingüística; unidades lingüísticas; modelos lingüísticos; pesquisa em Lingüística Funcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANNUAIRE SILF 1993. Paris: Societé Internationale de Linguistique Fonctionnelle, 1993.
- DIRVEN René e FRIED, Vilém (org.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1987.
- HOYOS-ANDRADE, Rafael Eugenio. *Introducción a la Lingüística Funcional*. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1992.
- MARTINET, André. *Función y dinámica de las lenguas*. Madrid: Gredos, 1993.
- _____. Genre et sexe. *La Linguistique*. Paris: Presses Universitaires de France, v.35, n.2, p.5-9, 1999a.
- _____. *Grammaire fonctionnelle du français*. Paris: Crédif, 1979.
- _____. Le syntème. *La Linguistique*. Paris: Presses Universitaires de France, v.35, n.2, p.11-16, 1999b.
- _____. *Studies in Functional Syntax*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1975.
- _____. *Syntaxe Générale*. Paris: Armand Collin, 1985.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- WALTER, Henriette et Gerard. *Bibliographie d'André Martinet*. Louvain / Paris: Peeters, [1988].